

CELSONO MING

economia



SARNEY E O ESTELIONATO

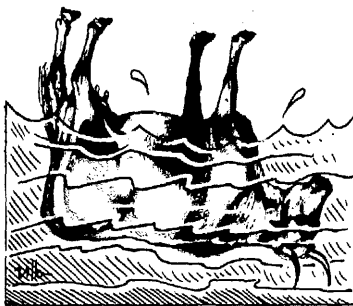
Em seu pronunciamento de posse, o novo presidente do Banco Central, Pêrsio Arida, lembrou o quanto a falta de vontade política de um governo pode destruir um programa de estabilização econômica.

Arida mostrou que, em 1986, quando se recusou a aprofundar medidas inadiáveis de ajuste fiscal, o então presidente José Sarney sepultou o Plano Cruzado, que teve um começo quase tão bom quanto o do Plano Real.

A sentença de morte do Plano Cruzado foi dada mais precisamente em maio de 1986, no famoso encontro de Carajás. Realizado junto à fantástica jazida de minérios situada ao Sul do Pará, para dar uma demonstração de um Brasil novo e grande, esse encontro foi a ocasião em que toda a equipe econômica procurou convencer Sarney a tomar medidas duras, destinadas a estabilizar as contas públicas e promover reformas administrativas profundas. O objetivo era criar as bases para a estabilização definitiva da economia e para a retomada do desenvolvimento econômico.

Fascinado com o congelamento de preços e com a mobilização pública que esta havia provocado, Sarney julgou uma bobagem política aproveitar o auge da popularidade de que então desfrutava para arrancar do Congresso as medidas impopulares que, a longo prazo, garantiriam a estabilidade econômica. A partir dessa omissão, o plano caminhou rapidamente para o brejo.

Sarney hoje faz pouco caso



desse episódio. Alega que, até dentro da equipe econômica, ouviu argumentos convincentes para a tese segundo a qual o combate ao déficit não tinha a menor importância. O ex-presidente refere-se ao então ministro do Planejamento, João Sayad, que encomendou ao economista Chico Lopes — hoje entronizado no Banco Central junto com Pêrsio Arida — o conhecido Livro Branco do Déficit Público, para demonstrar, contra a opinião do então ministro da Fazenda, Dilson Funaro, que o combate ao déficit não era prioritário.

Entre o que Funaro e o que Sayad assobiavam, Sarney acabou acolhendo a música mais agradável a seus ouvidos e enterrou os projetos de ajuste fiscal. Na verdade, Sarney preparava o estelionato eleitoral de novembro de 1986.

Nove meses depois do encontro de Carajás, mais precisamente em fevereiro de 1987, depois de esgotadas as reservas internacionais, o Brasil decretava a moratória de sua dívida externa.

Pior que tudo, o erro de Sarney prostrou a economia e atrasou a recuperação em pelo menos oito anos.